

ZEN
NA
ARTE RAY
DA BRADBURY
ESCRITA

tradução:
Petê Rissatti



BIBLIOTECA AZUL

COMO ESCALAR A ÁRVORE DA VIDA,
ATIRAR PEDRAS EM SI MESMO E
VOLTAR A DESCER SEM TER OS OSSOS
OU O ESPÍRITO PARTIDOS

UM PREFÁCIO COM UM TÍTULO NÃO
MUITO MAIS LONGO QUE O LIVRO

ÀS VEZES ME SURPREENDO com minha capacidade, quando era um garoto de nove anos, de compreender minha armadilha e dela escapar.

Como o garoto que eu era pôde, em outubro de 1929, por causa da crítica de seus colegas de sala do quarto ano, rasgar suas revistinhas do Buck Rogers e, um mês depois, achar que todos os seus amigos eram idiotas e voltar correndo para colecioná-las?

De onde vieram essa opinião e essa força? Que tipo de processo vivenciei que me permitiu dizer: “Eu bem que poderia morrer”? Quem está me matando? Qual é a cura?

Claro que eu podia responder a todas essas perguntas. Dei um nome à minha doença: o fato de eu ter rasgado minhas revistinhas. E encontrei a cura: voltar a colecioná-las, independente do que acontecesse.

Fiz isso. E foi bem feito.

Mas, ainda assim. *Naquela* idade? Quando estamos acostumados a corresponder à pressão de nossos pares?

Onde encontrei coragem para me rebelar, mudar minha vida, viver por minha conta?

Não quero superestimar tudo isso, mas, caramba, eu amo esse menino de nove anos, quem quer que ele tenha sido. Sem ele, eu não poderia ter sobrevivido para apresentar estes textos.

Parte da resposta, claro, reside no fato de eu ter sido tão loucamente apaixonado por Buck Rogers que não pude enxergar meu amor, meu herói, minha vida destruídos. É quase simples assim. Era como saber que o melhor camarada, o mais amoroso amigo, centro da vida se afogou ou levou um tiro e morreu. Não dá para salvar os amigos mortos dessa maneira do próprio funeral. Percebi que Buck Rogers talvez pudesse ter uma segunda chance de viver se eu lhe desse uma. Então, fiz uma respiração boca a boca nele e, “opa!”, ele se levantou e disse: “E aí?”.

Grite. Pule. Brinque. Deixe esses filhos da puta para trás. Eles *nunca* vão viver do jeito que você vive. *Vá e faça.*

Exceto pelo fato de que nunca falei palavrões como FDP. Não eram permitidos. Caramba! foi mais ou menos o tamanho e a força do meu grito. *Sobreviva!*

Então, eu colecionava quadrinhos, era apaixonado por parques de diversões e exposições mundiais, e comecei a escrever. E aí você perguntará: o que a escrita nos ensina?

Em primeiro lugar, e antes de mais nada, ela nos lembra de que estamos *vivos* e que isso é um presente e um privilégio, não um direito. Precisamos nos apropriar da vida, já que ela nos foi dada. A vida pede recompensas, pois nos concedeu o ânimo.

Então, embora nossa arte, ainda que assim desejemos, não possa nos salvar de guerras, privação, inveja, cobiça, velhice ou morte, ela pode nos revitalizar no meio de tudo isso.

Em segundo lugar, escrever é sobreviver. Qualquer arte, *qualquer* bom trabalho, claro, significa isso mesmo.

Não escrever, para muitos de nós, significa morrer.

Precisamos pegar em armas todos os dias, talvez sabendo que a batalha não poderá ser vencida por inteiro, mas precisamos lutar, ainda que seja uma luta leve. O menor esforço para vencer significa, ao fim de cada dia, uma espécie de vitória. Lembre-se do pianista que disse que se não praticasse todo dia *ele* saberia, se não praticasse por dois dias, os *críticos* saberiam, depois de três dias seu *público* saberia.

Uma variação disso é real para quem escreve. Não que seu estilo, seja ele qual for, ficasse disforme em poucos dias.

Mas o que aconteceria é que o mundo nos atropelaria e tentaria nos adoecer. Se não escrever todo dia, os venenos se acumularão, e você vai começar a morrer, agir de um jeito enlouquecido, ou ambos.

É preciso embebedar-se da escrita para que a realidade não possa te destruir.

Pois a escrita permite apenas as receitas adequadas de verdade, vida, realidade, enquanto você for capaz de comer, beber e digerir sem hiperventilar e despencar como um peixe morto na cama.

Em minhas jornadas, aprendi que, se eu deixar um dia passar sem escrever, fico cada vez mais inquieto. Dois dias e começo a tremer. Três e suspeito de loucura. Quatro e viro um porco, chafurdando em um lamaçal. Uma hora de escrita é um tônico. Fico de pé, corro em círculos e grito, pedindo um par de sapatos limpos.

Então é *disso* que, de um jeito ou de outro, este livro trata.

Tomar uma pitada de arsênico a cada manhã para que você possa sobreviver ao pôr do sol. Outra pitada no pôr do sol para que você possa sobreviver além da aurora.

A microdose de arsênico que se toma aqui o prepara para *não* se envenenar e *não* se destruir mais adiante.

O trabalho no meio da vida é essa dosagem. Para manipular a vida, lance órbitas coloridas e brilhantes para cima de modo a se mesclarem com as órbitas escuras, misturando uma profusão de verdades. Usamos os fatos grandiosos e belos da existência para suportar os horrores que afligem diretamente a nós, a nossa família e amigos, ou que nos vêm através das notícias dos jornais e da TV.

Não devemos negar os horrores. Quem entre nós não teve um amigo que morreu de câncer? Existe família em que algum parente não foi morto ou ficou mutilado por um acidente de automóvel? Não conheço nenhuma. Da minha parte, uma tia, um tio, um primo e seis amigos foram mortos por um carro. A lista é infinita e devastadora se não nos opusermos criativamente a ela.

Isso quer dizer que a escrita é como uma cura. Não completa, claro. Você nunca supera pais no hospital ou o amor de sua vida no túmulo.

Não vou usar a palavra “terapia”, é uma palavra asséptica demais, estéril demais. Digo apenas que, quando a morte reduzir a velocidade

dos outros, você deve correr para construir seu trampolim e pular de cabeça em sua máquina de escrever.

Poetas e artistas de outras épocas, de um passado distante, sabiam de tudo isso que eu disse aqui ou que apresentarei nos ensaios a seguir. Aristóteles falou disso eras atrás. Você o tem ouvido ultimamente?

Estes ensaios foram escritos em vários momentos durante um período de trinta anos, para expressar descobertas especiais, servir a necessidades especiais. Mas todos ecoam as mesmas verdades de autorrevelação explosiva e espanto contínuo que seu poço profundo abriga, basta você simplesmente recuar um pouco e gritar para dentro dele.

No momento em que escrevo este texto, chegou uma carta de um jovem escritor desconhecido que diz que vai viver segundo meu lema, encontrado no meu livro *O viajante do tempo*.

[...] mentir com gentileza e provar que a mentira é verdade [...] finalmente, tudo é uma promessa [...] o que *parece* uma mentira é uma necessidade decrépita que deseja ser parida [...].

E agora:

Inventei um novo símile para descrever a mim mesmo nos últimos tempos. Ele pode ser seu.

Toda manhã pulo da cama e piso em uma mina terrestre.

A mina terrestre sou eu.

Depois da explosão, passo o restante do dia juntando os pedaços.

Agora, é sua vez. Pule!

A ALEGRIA DA ESCRITA

ENTUSIASMO. ANIMAÇÃO. Como é raro ouvir pessoas usando essas palavras. Como é raro ver pessoas vivendo ou, de fato, criando com elas. Ainda assim, se me perguntassem o nome dos itens mais importantes que formam o escritor, as coisas que moldam seu material e o impulsionam pela estrada até onde deseja ir, eu diria apenas para que olhasse para seu entusiasmo, enxergasse sua animação.

Você tem uma lista de escritores favoritos; eu tenho a minha. Dickens, Twain, Wolfe, Peacock, Shaw, Molière, Jonson, Wycherly, Sam Johnson. Poetas: Gerard Manley Hopkins, Dylan Thomas, Pope. Pintores: El Greco, Tintoretto. Músicos: Mozart, Haydn, Ravel, Johann Strauss (!). Pense em todos esses nomes e você vai pensar em entusiasmos, apetites, fomes, grandes ou pequenas, mas, de qualquer forma, importantes. Pense em Shakespeare e Melville, e você vai pensar em trovão, raio, vento. Todos sabiam da alegria de criar em formatos grandes ou pequenos, em telas ilimitadas ou restritas. Esses são os filhos dos deuses. Souberam se divertir em seu trabalho. Não importa se a criação foi difícil aqui e ali, ao longo do caminho, ou se doenças e tragédias acometeram sua vida mais íntima. As coisas importantes são aquelas que nos foram transmitidas por suas mãos e mentes, e essas coisas estão cheias até a tampa de vigor animal e vitalidade intelectual. Seus ódios e desesperos foram relatados com uma espécie de amor.

Olhe para as figuras alongadas de El Greco e me diga, se puder, que ele não teve alegria em seu trabalho? Você pode realmente achar que *A criação dos animais*, de Tintoretto, é uma obra baseada em algo menos do que “diversão” em seu sentido mais abrangente e envolvente? O melhor jazz diz: “Gonna live forever; don’t believe in death” [Vamos viver para sempre; não acredite na morte]. A melhor

escultura, como a cabeça de Nefertiti, diz, sem parar: “A Beleza esteve aqui, está aqui e estará aqui para sempre”. Cada um dos homens que listei capturou um pouco do mercúrio da vida, congelou-o por todo tempo e se virou, no arroubo de sua criatividade, para apontá-lo e gritar: “Não é bom?”. E era bom.

O que tudo isso tem a ver com a escrita da narrativa breve em nossos tempos?

Somente isto: se estiver escrevendo sem entusiasmo, sem animação, sem amor, sem diversão, você será apenas meio escritor. Significa que está tão ocupado de olho no mercado ou de ouvido atento à panelinha de vanguarda que não está sendo você mesmo. Nem sequer se conhece. Pois esta é a primeira coisa que um escritor deveria ser: alguém com entusiasmo. Deveria ter algo de febril e de ardor. Sem esse vigor, talvez fosse melhor ir colher pêssegos ou cavar trincheiras; quem sabe isso não faria um bem maior à sua saúde.

Quanto tempo faz desde que você escreveu uma história na qual seu verdadeiro amor ou seu verdadeiro ódio foi para o papel? Quando foi a última vez que ousou liberar um estimado preconceito para que ele batesse na página como um relâmpago? Quais são as melhores e as piores coisas em sua vida, e quando você vai dar um jeito de sussurrá-las ou gritá-las?

Não seria maravilhoso, por exemplo, deixar de lado uma edição da *Harper's Bazaar* que, por acaso, você estivesse folheando no consultório do dentista e saltar para sua máquina de escrever e avançar a toda com fúria hilariante, atacando o esnobismo idiota e, às vezes, chocante da revista? Anos atrás fiz exatamente isso. Encontrei um número em que os fotógrafos da *Bazaar*, com seu senso pervertido de igualdade, utilizaram novamente, em uma ruazinha de Porto Rico, nativas como adereços, em frente às quais posavam suas modelos de aparência esfomeada, em benefício de jovencinhas ainda mais emaciadas nos melhores salões de beleza do país. As fotografias me enfureceram tanto que corri, não andei, até minha máquina e escrevi “Sol e sombra”, a história de um velho porto-riquenho que arruína a tarde de trabalho do fotógrafo da *Bazaar* ao se infiltrar em cada foto e arriar as calças.

Ouso dizer que alguns de vocês teriam gostado de ter feito esse trabalho. Eu me diverti escrevendo-o; o efeito posterior e purificador

da vaia, do berro e da gargalhada histérica imensa. Provavelmente os editores da revista nem ouviram falar dele. Mas muitos leitores ouviram e gritaram: “Dá-lhe, *Bazaar*, dá-lhe, Bradbury!”. Não reivindiquei vitória, mas fiquei com sangue nas mãos quando os expus.

Quando foi a última vez que você criou uma história como essa, por pura indignação?

Quando foi a última vez que você foi parado pela polícia em sua vizinhança por gostar de caminhar e, talvez, pensar à noite? Aconteceu com tanta frequência comigo que, irritado, escrevi “O pedestre”, uma história de um tempo, cinquenta anos atrás, quando um homem é preso e levado para estudos clínicos porque insiste em olhar para a realidade não televisionada e respirar um ar não condicionado.

Deixando a irritação e a raiva de lado, o que falar do amor? O que você mais ama no mundo? Digo, as coisas grandes e pequenas. Um bonde, um par de tênis? Essas coisas, quando éramos crianças, eram envoltas em magia. No ano passado, publiquei uma história sobre a última viagem de um garoto em um bonde que cheirava a todas as tempestades com trovoadas, cheio de bancos de veludo verde-musgo bacanas e eletricidade azul, mas condenado a ser substituído pelo ônibus mais prosaico, de cheiro mais prático. Outra história relacionada a um garoto que queria um par de tênis novos pelo poder que eles lhe conferiam para saltar rios, casas e ruas, e até mesmo arbustos, calçadas e cães. Para ele, os tênis eram o estouro de antílopes e gazelas na savana africana estival. A energia das corredeiras dos rios e tempestades de verão estava naqueles tênis; ele precisava tê-los mais do que qualquer outra coisa no mundo.

Então, simples assim, eis a minha fórmula.

O que você quer mais do que qualquer outra coisa no mundo? O que você ama ou o que você odeia?

Encontre uma personagem, como você mesmo, que vai desejar ou não uma coisa, de todo coração. Dê-lhe ordens e mais ordens. Mande-a caminhar. Em seguida, avançar o mais rápido que puder. A personagem, em seu grande amor ou ódio, vai levar você até o fim da história. O entusiasmo e a força de sua necessidade, e *existe* entusiasmo tanto na raiva quanto no amor, vão incendiar a paisagem

e aumentar a temperatura de sua máquina de escrever acima dos quarenta graus.

Tudo isso é indicado essencialmente ao escritor que já aprendeu seu ofício, ou seja, está imbuído de ferramentas gramaticais e conhecimento literário suficientes para não tropeçar quando quiser correr. Contudo, o conselho também serve bem ao iniciante, embora seus passos possam vacilar por razões puramente técnicas. Mesmo nesse caso, a paixão com frequência salva o dia.

Por isso, o histórico de cada história deveria ser lido quase como uma previsão do tempo: quente hoje, fresco amanhã. Nesta tarde, incendeie a casa toda. Amanhã, jogue a água fria da crítica sobre as brasas incandescentes. Tempo suficiente para pensar, cortar e reescrever amanhã. Mas hoje exploda, despedace, desintegre! Os outros seis ou sete rascunhos vão ser pura tortura. Então, por que não aproveitar esse primeiro rascunho, na esperança de que sua alegria vá procurar e encontrar outros no mundo que, ao ler sua história, vão se incendiar também?

Não precisa ser um grande incêndio. Um pequeno lampejo, a luz de uma vela, talvez; um desejo de uma maravilha mecânica como um bonde ou uma maravilha animal como um par de tênis saltando como coelhos nos gramados nas primeiras horas da manhã. Busque os pequenos amores, encontre e modele as pequenas amarguras. Saboreie-os na boca, teste-os em sua máquina de escrever. Quando foi a última vez que você leu um livro de poesia ou tirou um tempo, em uma tarde, para ler um ensaio ou dois? Você já leu uma única edição da *Geriatrics*, o periódico oficial da Sociedade Norte-Americana de Geriatria, voltado à “pesquisa e ao estudo clínico das doenças e dos processos dos idosos e do envelhecimento”? Leu, ou mesmo viu, uma cópia de *What's New*, revista publicada pela Abbott, que fica ao norte de Chicago, e que traz artigos como “Tubocurarina para cesariana” ou “Fenamecida em epilepsia”, mas também poemas de William Carlos Williams, Archibald Macleish, histórias de Clifton Fadiman e Leo Rosten; capas e ilustrações de John Groth, Aaron Bohrod, William Sharp, Russell Cowles? Absurdo? Talvez. Mas as ideias estão em todos os lugares, como maçãs caídas apodrecendo na grama por falta de estranhos caminhando com um olho e um gosto pela beleza, seja absurda, horrível ou refinada.

Gerard Manley Hopkins expressou tudo isso assim:

Glória a Deus pelas coisas tão coloridas...

Pelos céus matizados como vaca malhada;

Pelas róseas pintas salpicadas na truta que nada;

Castanhas caídas como carvão em brasa; asas de pintassilgo;

Paisagem riscada e partida — fechada, inculta, arada;

E todos os ofícios, ferramentas, vestimentas, instrumentos.

Tudo que é oposto, original, parco, esquisito;

Seja instável, sarapintado (ninguém sabe de nada?)

Ágil, lento; doce, azedo; luzidio, mortiço;

Ele, cuja beleza nunca muda, tem concebido:

Louvado seja.

Thomas Wolfe comia o mundo e vomitava lava. Dickens fazia refeições em uma mesa diferente a cada hora. Molière, provando a sociedade, virou-se para pegar o bisturi, como Pope e Shaw fizeram. Para todo canto que você olhar no universo literário, os grandes se ocuparam em amar e odiar. Você considerou essa ação primordial como obsoleta em sua escrita? Se sim, quanta diversão está perdendo. A diversão da raiva e da desilusão, a diversão de amar e ser amado, de emocionar e se emocionar com esse baile de máscaras que nos faz dançar do berço ao cemitério. A vida é curta, o pesar inevitável, a mortalidade certa. Mas, no trajeto, em seu trabalho, por que não carregar aqueles dois balões inflados chamados Entusiasmo e Animação? Com eles, na viagem ao túmulo, pretendo deixar alguns idiotas para trás, acariciar o cabelo de uma bela garota, acenar para um garotinho em cima de um caquizeiro.

Qualquer um que queira se juntar a mim, há espaço de sobra no Exército de Coxey.^[1]

1973

CORRA MUITO, FIQUE IMÓVEL, OU: A COISA NO ALTO DA ESCADA, OU: NOVOS FANTASMAS DE MENTES ANTIGAS

CORRA MUITO, FIQUE IMÓVEL. É a lição dos lagartos. Para todos os escritores. Observe quase todo ser vivo e verá a mesma coisa. Saltar, correr, congelar. Em sua capacidade de partir num piscar de olhos, estalar como um chicote, evaporar, estar aqui em um instante, não estar mais no próximo, a vida fervilha na Terra. E quando essa vida não está correndo para escapar, está se fingindo de estátua para fazer a mesma coisa. Veja o beija-flor, está ali, não está ali. Como o pensamento que surge e desaparece num estalo, um vapor de verão; o pigarro de uma garganta cósmica, a queda de uma folha. E onde isso estava... em um sussurro.

O que os escritores podem aprender com os lagartos, roubar dos pássaros? Na rapidez está a verdade. Quanto mais rapidamente você falar, mais agilidade terá para escrever, mais sincero será. Na hesitação está o pensamento. Na demora vem o esforço por um estilo, em vez do salto para se dizer a verdade — e este é o *único* estilo pelo qual vale a pena entrar em uma ratoeira ou em uma armadilha.

E o que acontece entre corridas e voos? Seja um camaleão mesclado com tintas, troque cromossomos com a paisagem. Seja uma pedra de estimulação,^[2] deite-se na poeira, descanse na água da chuva no barril cheio pela calha que ladeava a janela de seus avós muito tempo atrás. Seja o licor de dente-de-leão no frasco de ketchup tampado e com a inscrição à tinta: Manhã de junho, primeiro dia de verão de 1923. Verão de 1926. Noite de fogos de artifício. 1927: Último dia de verão. ÚLTIMO DOS DENTES-DE-LEÃO, 1º de outubro.

Comecei a fazer breves anotações e descrições de amores e ódios. Durante meus vinte e 21 anos, circulei por tardes de verão e meias-noites de outubro sentindo que, em algum lugar, nas estações brilhantes e escuras, devia haver algo que fosse realmente meu.

Por fim, descobri esse algo em uma tarde, quando tinha 22 anos. Escrevi o título “O lago” na primeira página de uma história que se finalizou duas horas depois. Duas horas depois de eu ter me sentado à minha máquina de escrever em um alpendre ensolarado, com lágrimas correndo até a ponta do nariz e os pelos da nuca arrepiados.

Por que os pelos se arrepiavam e o nariz escorria?

Percebi que tinha enfim escrito uma história realmente boa. A primeira em dez anos de escrita. E não era apenas uma história boa, mas era uma espécie de híbrido, algo que beirava o novo. Não era mesmo uma história de fantasmas tradicional, mas uma história sobre amor, tempo, lembrança e afogamento.

Enviei-a para Julie Schwartz, minha agente, que gostou, mas disse que não era uma história tradicional e provavelmente seria difícil vendê-la. A *Weird Tales* rodeou-a, cutucou com uma vara de três metros e, por fim, ora essa, decidiu publicá-la, embora a história não tivesse a ver com a revista. Mas precisei prometer que, da próxima vez, escreveria uma boa história de fantasmas à moda antiga! Eu prometi. Eles me deram vinte dólares, e todo mundo ficou feliz.

Bem, alguns de vocês sabem o que aconteceu. “O lago” foi reimpresso dezenas de vezes nos últimos 44 anos. E foi a história que fez vários editores de outras revistas erguerem os olhos e perceberem o rapaz de pelos arrepiados e nariz escorrendo.

Será que aprendi uma lição dura, rápida ou mesmo fácil com “O lago”? Não. Voltei a escrever histórias de fantasma à moda antiga, pois eu era jovem demais para entender muito de escrita, e durante anos minhas descobertas passaram despercebidas por mim. Eu estava perambulando por aí e escrevendo coisas ruins a maior parte do tempo.

Aos vinte e poucos anos, se minha ficção de horror sobrenatural era imitadora, com uma ou outra surpresa de um conceito e na execução, minha escrita de ficção científica era horrenda, e minha ficção policial beirava o ridículo. Eu sofria a influência profunda de minha querida amiga Leigh Brackett, que eu costumava encontrar

minha cidade natal. Lembrei-me de meu avô, minha irmã e de várias tias e primos, em seus caixões, para sempre desaparecidos nas covas, onde as borboletas pousavam como flores nos túmulos e onde as flores voavam como borboletas sobre as lápides. Lembrei-me do meu cachorro, perdido por dias, voltando tarde para casa, em uma noite de inverno, com neve, lama e folhas nos pelos. E as histórias começaram a pipocar, a explodir daquelas lembranças escondidas nos substantivos, perdidas nas listas.

Minha lembrança de meu cachorro e de sua pelagem invernal transformou-se em “O emissário”, a história de um garoto doente e acamado que manda seu cachorro sair para recolher as estações do ano em sua pelagem e voltar. Então, uma noite, o cão volta de uma jornada ao cemitério e traz “companhia” consigo.

Meu título da lista A VELHA transformou-se em duas histórias, uma “Havia uma velha senhora”, sobre uma senhora que se recusa a morrer e exige que seu corpo volte da funerária, desafiando a Morte, e a segunda, “Season of Disbelief” [Estação da descrença], sobre crianças que se recusam a acreditar que uma velha senhora já fora jovem, até mesmo uma garota, uma menina. A primeira história apareceu na minha primeira coletânea, *Dark Carnival* [Parque de diversões sombrio]. A segunda fez parte de um teste de associação de palavras que fiz para mim mesmo chamado *Licor de dente-de-leão*.

Claro que podemos ver agora (não podemos?) que é a observação pessoal, a ilusão bizarra, a presunção estranha que compensam. Fiquei fascinado por pessoas velhas. Tentei resolver seu mistério com meus olhos e minha mente de jovem, mas me surpreendia o tempo todo ao perceber que, em um tempo muito distante, eles foram eu, e em algum dia, lá na frente, eu seria eles. Absolutamente impossível! Ainda assim, havia garotos e garotas trancados em corpos velhos, uma situação horrenda, um artil terrível bem diante de meus olhos.

Fuçando na minha lista, de novo, peguei o título O JARRO, resultado de minha estupefação ao encontrar uma série de embriões em exposição em um parque de diversões quando eu tinha doze anos e de novo quando eu tinha catorze. Naqueles dias distantes de 1932 e 1934, nós, crianças, não sabíamos de nada, claro, de absolutamente nada sobre sexo e procriação. Então, é de imaginar como fiquei

repente, por motivo nenhum, se calavam, e aí era possível ouvir o coração, desejando não conseguir.

O que nos leva a uma revelação final...

Um dos substantivos em minha lista do ensino médio foi Coisa, ou, melhor ainda, A Coisa no alto da escada.

Durante a minha infância em Waukegan, Illinois, havia apenas um banheiro na casa, que ficava no andar de cima. Era preciso subir e percorrer um corredor escuro até encontrar uma luz e acendê-la. Tentei fazer com que meu pai deixasse a luz ligada a noite toda, mas era caro. A luz ficava apagada.

Por volta das duas ou três da manhã, eu precisava ir ao banheiro. Ficava deitado na cama por mais ou menos meia hora, dividido entre a necessidade agoniada de me aliviar e aquilo que eu sabia estar me esperando no corredor escuro que levava ao sótão. Por fim, impulsionado pelo sofrimento, eu atravessava nossa sala de jantar e entrava naquele corredor, pensando: corra muito, salte, ligue a luz, mas, aconteça o que acontecer, não olhe para cima. Se olhar para cima antes de acender a luz, *Ela* vai estar lá. A Coisa. A terrível Coisa que espera no alto da escada. Então, corra cegamente; não olhe.

Eu corria, eu pulava. Mas não conseguia evitar e, no último momento, sempre piscava e encarava a horrenda escuridão. E ela sempre estava lá. E eu gritava e rolava escada abaixo, acordando meus pais. Meu pai grunhia e se virava na cama, imaginando de onde tinha vindo aquele seu filho. Minha mãe se levantava, me encontrava caído no corredor e subia para ligar a luz. Ela esperava até que eu subisse ao banheiro e voltasse, para dar um beijo no meu rosto molhado de lágrimas e colocar meu corpo aterrorizado na cama.

Na noite seguinte, na próxima e na outra ainda a mesma coisa acontecia. Enlouquecido por minha histeria, meu pai encontrou um velho penico e o pôs embaixo da minha cama.

Mas eu nunca me curei. A Coisa permaneceu para sempre lá. Somente quando nos mudamos, quando eu tinha treze anos, me liberei daquele terror.

O que fiz, há pouco tempo, com aquele pesadelo? Bem...

Agora, muito tempo depois, A Coisa está lá no alto da escada, ainda esperando. De 1926 até hoje, no fim do primeiro semestre de

para comparar lembrança com lembrança, que significa fantasma com fantasma, para exorcizá-los, se necessário.

AQUILO QUE PARA QUALQUER pessoa é o subconsciente, transforma-se para quem escreve em seu aspecto criativo, a Musa. São dois nomes para a mesma coisa. Mas não importa como a chamamos, aqui está o núcleo do indivíduo que fingimos exaltar, para quem montamos altares e mantemos uma retórica em nossa sociedade democrática. Aqui está o material da originalidade, pois é na totalidade da experiência considerada, registrada e esquecida que cada homem é verdadeiramente diferente de todos os outros no mundo. Pois nenhum homem vê os mesmos eventos na mesma ordem na vida. Um homem encara a morte mais jovem que outro, um homem conhece o amor mais rapidamente que outro. Dois homens, como sabemos, vendo o mesmo acidente, registram-no com referências cruzadas diferentes, em outra parte de seu alfabeto alheio. Não há cem elementos, mas 2 bilhões de elementos no mundo. Cada um os analisará de forma diferente nos espectroscópios e escalas.

Sabemos o quanto cada pessoa é nova e original, mesmo a mais lenta e embotada. Se a acessarmos de forma correta, falarmos com ela e a deixarmos tranquila, dizendo, por fim: “O que você deseja?” (Ou, se for muito velha: “O que você *desejou*?”), ela vai revelar seu sonho. E quando uma pessoa fala com o coração, em seu momento de verdade, suas palavras são poesia.

Não vi isso acontecer uma vez, mas mil vezes na vida. Meu pai e eu só nos tornamos grandes amigos muito tarde na vida. Sua linguagem, seus pensamentos do dia a dia não eram notáveis, mas sempre quando eu dizia “Pai, me fala sobre Tombstone quando você tinha dezessete anos” ou “sobre os campos de trigo de Minnesota quando você tinha vinte”, meu pai começava a falar sobre ter fugido de casa quando tinha dezesseis anos, indo para o Oeste no início do século XX, antes de as últimas fronteiras serem fixadas — quando não havia rodovias, apenas estradas para cavalos, trilhos de trem, e a Febre do Ouro estava em Nevada.

com que a Revolução Americana seja vencida com metralhadoras, ou introduzir dinossauros e homens da caverna na mesma cena (milhões de anos separam sua existência). Mesmo neste último caso, uma máquina do tempo bem descrita e tecnicamente perfeita poderá suspender de novo a descrença.

Poesia, ensaios. E as narrativas breves, os romances? Claro. Ler aqueles autores que escrevem do jeito que você espera escrever, aqueles que pensam do jeito que você gostaria de pensar. Mas também leia os que não pensam como você ou que não escrevam como você quer escrever, a fim de receber estímulos para direções que talvez você não vá tomar durante muitos anos. De novo, não deixe que o esnobismo alheio impeça que, digamos, você leia Kipling, ainda que ninguém mais o leia.

Nossa cultura e nossos tempos são imensamente ricos em lixo e tesouros. Às vezes, é um pouco difícil separar lixo de tesouro, então recuamos, com medo de nos afirmarmos. Mas como estamos aqui para criarmos textura, colecionarmos verdades em muitos níveis e, de muitas maneiras, nos testarmos diante da vida e das verdades de outros que nos são oferecidas em revistas em quadrinhos, programas de TV, livros, revistas, jornais, peças e filmes, não deveríamos temer ser vistos em companhias estranhas. Sempre me senti bem na companhia de Ferdinando Buscapé, de Al Capp. Acho que há muito a se aprender sobre psicologia infantil com as personagens de Charles Schulz, como o Charlie Brown. Existia um mundo inteiro de aventuras românticas, belamente desenhado por Hal Foster, em seu *Príncipe valente*. Quando garoto, eu as colecionava, e talvez tenha sido influenciado em meus livros mais antigos pelas maravilhosas tirinhas diárias da classe média norte-americana “Out Our Way”, de J. C. Williams. Sou tanto espectador de Charlie Chaplin em *Tempos modernos*, de 1935, quanto leitor de Aldous Huxley, em 1961. Não sou uma coisa apenas. Sou muitas coisas que os Estados Unidos foram em minha época. Tenho noção suficiente para progredir, aprender, crescer. E nunca ofendi ou virei as costas para as coisas com as quais cresci. Aprendi com Tom Swift e com George Orwell. Deliciei-me com o *Tarzan* de Edgar Rice Burroughs (e ainda respeito aquela antiga delícia, e não sofri lavagem cerebral com ela), bem como me delicio com *Cartas de um diabo a seu aprendiz*, de C. S.

E, por fim, você já treinou bem o bastante para poder dizer o que quiser sem se frustrar? Já escreveu o suficiente para relaxar e poder permitir que a verdade saia sem ser arruinada por posturas autoconscientes ou alteradas pelo desejo de enriquecer?

Alimentar-se bem é crescer. Trabalhar bem e constantemente é manter o que você aprendeu e sabe em ótimo estado. Experiência. Trabalho. Esses são os lados idênticos da moeda, que, quando jogada, não é experiência nem trabalho, mas o momento da revelação. A moeda, por ilusão de ótica, torna-se redonda, um globo da vida brilhante, rodopiante. É o instante em que o balanço do alpendre estala baixinho e uma voz fala. Todos prendem a respiração. A voz aumenta e diminui. Meu pai fala de outros anos. Um fantasma ergue-se de seus lábios. O subconsciente se mexe e esfrega os olhos. A Musa arrisca-se nas samambaias abaixo do alpendre, onde os garotos de verão, espalhados no gramado, estão ouvindo. As palavras viram poesia, com as quais ninguém se importa, porque ninguém pensou em chamá-las assim. O amor está ali. A história está ali. Um homem bem alimentado mantém e calmamente apresenta sua porção infinitesimal de eternidade. E é como sempre foi por eras, quando havia um homem com algo a contar, e outros, quietos e sábios, a ouvir.

Portanto, aos 33 anos de idade, eu tive minha maneira de ver, escrever e viver aprovada por um homem que se transformou em um segundo pai para mim.

Eu precisava daquela aprovação. Tudo de que precisamos é de alguém mais elevado, mais sábio, mais velho para nos dizer que, no fim das contas, não estamos malucos, que estamos fazendo tudo certo. Tudo bem, caramba, está *ótimo!*

Mas é fácil duvidar de si mesmo, pois olhamos ao redor, para uma série de noções mantidas por outros escritores, outros intelectuais, e essas noções fazem a pessoa corar de culpa. Escrever deveria ser difícil, agonizante, um exercício excruciante, uma ocupação terrível.

Mas, veja, minhas histórias me conduziram pela vida. Elas gritam, eu sigo. Elas correm para cima de mim e me mordem a perna — eu reajo anotando tudo o que acontece durante a mordida. Quando termino, a ideia me solta e foge.

Esse é o tipo de vida que eu tive. Bêbado e guiando uma bicicleta, como descrito em um boletim de ocorrência da polícia irlandesa. Bêbado de vida, é isso, e sem saber para onde partir em seguida. Mas você está no caminho antes do amanhecer. E a viagem? Exatamente metade terror, metade euforia.

QUANDO EU TINHA TRÊS anos de idade, minha mãe me levava ao cinema duas ou três vezes por semana. Meu primeiro filme foi *O corcunda de Notre-Dame*, com Lon Chaney. Eu comecei a sofrer uma curvatura permanente na espinha e na imaginação naquele dia, muito tempo atrás, em 1923. Naquele momento passei a reconhecer um compatriota maravilhosamente grotesco da escuridão quando via um. Corri para ver todos os filmes de Chaney diversas vezes para ficar deliciosamente apavorado. O Fantasma da Ópera agarrou-se em minha vida com sua capa escarlate. E quando não era o Fantasma, era a mão terrível que gesticulava por trás de uma estante de livros em *O gato e o canário*, apontando para eu ir encontrar mais da escuridão escondida nos livros.

dentes abertos em um sorriso, ele passava uma espada de Excalibur sobre a cabeça das crianças, nomeando-as cavaleiros mirins com fogo. Quando chegou a mim, ele tocou meus ombros e depois a ponta do meu nariz. O raio saltou para dentro de mim. Sr. Electrico gritou: “*Viva para sempre!*”.

Concluí que foi a melhor ideia que eu já tinha ouvido. Fui ver o Sr. Electrico no dia seguinte, com a desculpa de que um aparelhinho de truque mágico com moedas que eu havia comprado dele não estava funcionando. Ele consertou e me levou para conhecer as tendas, gritando para cada uma “Cuidado, seus bocas-sujas” antes de entrarmos para conhecer os anões, os acrobatas, as mulheres gordas e os Homens Ilustrados que aguardavam ali.

Fomos até o lago Michigan, onde o Sr. Electrico falou de suas pequenas filosofias, e eu falei das minhas grandiosas. Nunca saberei por que ele me aturou. Mas me ouviu, ou pareceu ter ouvido, talvez porque estivesse longe de casa, talvez porque tivesse um filho em algum lugar do mundo, ou não tivesse nenhum filho e quisesse um. De qualquer forma, ele contou que era um ex-ministro presbiteriano e vivia em Cairo, Illinois, e disse que eu poderia lhe escrever quando quisesse.

Por fim, ele me deu uma notícia bem especial.

— Já nos encontramos antes — disse ele. — Você foi meu melhor amigo na França, em 1918, e morreu nos meus braços na batalha da floresta de Ardenas daquele ano. E aqui está você, renascido, em um novo corpo, com um novo nome. Bem-vindo de volta!

Saí aos tropeços daquele encontro com o Sr. Electrico, maravilhosamente elevado por dois presentes: o fato de ter vivido antes (e ficar sabendo disso)... e o dom de tentar, de alguma forma, viver para sempre.

Poucas semanas depois, comecei a escrever minhas primeiras narrativas curtas sobre o planeta Marte. Daquela época até hoje, nunca parei. Deus abençoe o Sr. Electrico, o catalisador, onde quer que esteja.

SE EU CONSIDERAR CADA aspecto de todo o relato acima, meu início quase inevitavelmente teve de ser no sótão. Dos doze aos 22 ou 23

Eu estava rico. Ou tão perto disso que fiquei embasbacado. Foi uma virada na minha vida, claro, e corri para escrever aos editores daquelas três revistas para revelar meu verdadeiro nome.

Todas as três histórias foram incluídas na lista *The Best American Short Stories of 1946*, de Martha Foley, e uma delas foi publicada no livro *O. Henry Memorial Award Prize Stories*, de Herschel Brickell, no ano seguinte.

Aquele dinheiro me levou ao México, a Guanajuato, e às múmias nas catacumbas. A experiência me machucou e me aterrorizou tanto que eu mal podia esperar para fugir do México. Tive pesadelos sobre morrer e ter de permanecer nos salões dos mortos com aqueles corpos erguidos e amarrados. Para purgar meu terror instantaneamente, escrevi “O próximo da fila”. Uma das poucas vezes que uma experiência produziu resultados quase imediatos.

Chega de México. Que tal a Irlanda?

Há todo tipo de história irlandesa na minha obra porque, depois de viver em Dublin por seis meses, vi que a maioria dos irlandeses que conheci tinha uma variedade de maneiras de lidar com aquele monstro terrível chamado Realidade. É possível enfrentá-la diretamente, o que é uma má ideia, ou se pode rodeá-la, cutucá-la, dançar para ela, criar uma canção, escrever sua história, prolongar a tagarelice, encher o tanque. Cada uma dessas maneiras é parte do clichê irlandês, mas cada uma, junto com o clima horrível e a política em frangalhos, é verdadeira.

Acabei conhecendo cada mendigo das ruas de Dublin, aqueles que ficam perto da ponte O’Connell com loucas pianolas que mais arranham que tocam e aqueles que compartilham um único bebê dentro de uma tribo inteira de mendigos encharcados de chuva, de modo que era possível ver a criança uma hora no alto da Grafton Street e no momento seguinte ao lado do Royal Hibernian Hotel, e à meia-noite à beira do rio, mas nunca pensei que escreveria sobre eles. Até que a necessidade de uivar e dar vazão à raiva me fez voltar atrás uma noite e escrever “McGillahee’s Brat” [O pirralho de McGillahee] a partir de suspeitas terríveis e da mendicância de um fantasma que andava na chuva que precisavam ser escritas. Visitei alguns dos prédios antigos incendiados, pertencentes a grandes latifundiários irlandeses, e ouvi histórias de um “incêndio” que não

percebo de menos, sei que passou da hora de voltar àquele menino de tênis, com febres altas, numerosas alegrias e pesadelos terríveis. Não sei ao certo quando ele termina e eu começo. Mas tenho orgulho por esse trabalho em dupla. O que mais posso fazer além de querer seu bem e, ao mesmo tempo, reconhecer e querer bem a outras duas pessoas? No mesmo mês em que me casei com minha esposa, Marguerite, me associei ao meu agente literário e amigo mais íntimo, Don Congdon. Maggie datilografava e criticava minhas histórias, Don criticava e vendia os resultados. Com esses dois como parceiros de equipe nesses últimos 33 anos, como eu poderia ter fracassado? Somos os Corredores de Connemara, Aqueles que Fogem da Rainha^[5]. E ainda estamos correndo para aquela saída.

1980

— No passado... — Montag hesita, em seguida continua: — No passado você deve ter amado muito os livros.

— *Touché!* — confirma o capitão dos Bombeiros. — Abaixo da linha da cintura. No queixo. Através do coração. Rasgando as entranhas. Ah, olhe para mim, Montag. O homem que amava livros, não, o garoto que era louco por eles, maluco por eles, que escalava as pilhas como um chimpanzé enlouquecido por eles.

“Eu os comia como salada, os livros eram meu almoço, meu lanche, meu jantar e o petisco da meia-noite. Arrancava páginas, comia-as com sal, ensopava-as com gosto, mordiscava as lombadas, virava os capítulos com a língua! Livros às dúzias, aos montes e aos bilhões. Carregava tantos para casa que fiquei corcunda por anos. Filosofia, história da arte, política, ciências sociais, poesia, ensaio, as peças grandiosas, o que você pensar eu devorava. E então... e então.” A voz do capitão dos Bombeiros desaparece.

Montag provoca:

— E então?

— Ora, a vida aconteceu para mim. — O capitão dos Bombeiros fecha os olhos para recordar. — A vida. O de costume. O mesmo. O amor que não deu muito certo, o sonho que azedou, o sexo que degingolou, a morte que chegou rapidamente a amigos que não mereciam, o assassinato de um ou outro, a insanidade de alguém próximo, a morte lenta da mãe, o suicídio abrupto do pai... um estouro de elefantes, o avanço furioso de uma doença. E em lugar nenhum, lugar nenhum o livro certo para o momento certo, para enfiar na parede da barragem que estava se rompendo e reter a inundação, mais ou menos uma metáfora, menos ou mais um símile. E na virada dos trinta para os 31 anos, eu me recompus, cada osso quebrado, cada centímetro de carne esfolada, escoriada ou cicatrizada. Olhei para o espelho e encontrei um velho perdido por trás de um rosto de jovem assustado, vi um ódio ali por tudo e qualquer coisa, o que quer que fosse eu amaldiçoava, e abria as páginas de meus lindos livros na biblioteca e encontrava o quê, o quê, o quê?!

Montag adivinha:

— As páginas estavam vazias?

reunindo imagens de toda a minha vida, armazenando-as e esquecendo-as. De alguma forma, eu tive de me enviar ao passado, com as palavras como catalisadores, para expandir as lembranças e ver o que elas tinham a oferecer.

Assim, a partir dos 24 até os 36 anos, mal passava um dia em que eu não perambulava por uma recordação do gramado de meus avós, no norte de Illinois, esperando cruzar com alguma bombinha velha meio estourada, um brinquedo enferrujado ou um fragmento de carta escrita para mim mesmo em algum ano da juventude, para entrar em contato com a pessoa mais velha que eu me tornaria, a fim de lembrá-la do passado, de sua vida, de seu povo, de suas alegrias e tristezas encharcadas.

Esse processo tornou-se um jogo que eu iniciava com imenso entusiasmo: ver quanto eu conseguia me lembrar dos dentes-de-leão ou da colheita de uvas silvestres com meu pai e irmão, da redescoberta do barril de coleta de chuva, foco de proliferação de mosquitos, ao lado da varanda envidraçada, ou da busca pelo cheiro das abelhas peludas douradas que pairavam ao redor da parreira do alpendre nos fundos da casa. Abelhas têm cheiro, sabe, e se não têm, deveriam, pois seus pés estão salpicados com os temperos de 1 milhão de flores.

E então eu quis lembrar como era o barranco, especialmente naquelas noites, quando eu caminhava pela cidade até chegar em casa, tarde da noite, depois de ver o assustadoramente delicioso *O Fantasma da Ópera* de Lon Chaney, e meu irmão Skip corria à minha frente e se escondia embaixo da ponte sobre o riacho do barranco como o Solitário, saltava do esconderijo e me pegava, gritando, e eu corria, caía e corria de novo, gaguejando até em casa. Era muito legal.

No caminho, eu encontrava e colidia, por meio de associação de palavras, com amizades antigas e leais. Peguei emprestado meu amigo de infância no Arizona, John Huff, e o mandei para o leste, para Green Town, para que eu pudesse me despedir dele com decência.

No caminho, me sentei para tomar café da manhã, almoçar e jantar com gente muito querida morta há muito tempo. Pois fui um garoto que amava seus pais, avós e irmão de verdade, mesmo que esse irmão tenha “se livrado” de mim.